



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PELLEGRINI, Caroline; VOLPI, Sandra Mara Dall'Igna. Palavrão: fale agora ou fique encouraçado para sempre – o *grounding* das palavras mal ditas. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## PALAVRÃO: FALE AGORA OU FIQUE ENCOURAÇADO PARA SEMPRE – O GROUNDING DAS PALAVRAS MAL DITAS

**Caroline Pellegrini  
Sandra Mara Dall'Igna Volpi**

### RESUMO

Ca-r\*-lh\*! Você não vai ler esse resumo, né? F\*d\*-se então, vai tomar no meio do seu c\*! Nenhuma outra palavra ou expressão verbal carrega a carga emocional, expande o fluxo energético e comunica com intensidade tanto quanto o tão mal falado, imoral e indecoroso palavrão. O palavrão, usado com moderação, traz intensos benefícios para a saúde: pode aliviar a dor física e estabelecer um código de intimidade entre emissor e receptor; sinalizar que a espontaneidade e a sinceridade estão presentes no diálogo; expressar a raiva e auxiliar a entrar em contato com nossa visceralidade; ampliar a respiração diafragmática; conectar o corpo ao momento presente. O palavrão faz o organismo pulsar, vibrar energia, aliviando a ansiedade e flexibilizando as couraças musculares da mandíbula, pescoço, peito e diafragma. Enfim, ele é um jocoso e irresistível *grounding*. Assim, a intenção desta pesquisa é reconhecer os benefícios físicos e emocionais acionados pelo uso moderado do palavrão, em sua função de enraizamento.

**Palavras-chave:** Agressividade. Comunicação verbal. Expressão. *Grounding*. Palavrão.

---

Como compreender o que o outro nos diz? Como ter certeza do que o outro quer fielmente nos comunicar? Como me expressar e não ser compreendido erroneamente, segmentadamente, distorcidamente?

Estamos em uma era que se diz avançada e tecnológica. Porém, a linguagem verbal continua imprecisa, frágil, passível de múltiplas interpretações e desvios de legitimidade referente à mensagem comunicada. Os famosos “telefones sem fio” acontecem o tempo todo. Isto ocorre pois a representação da mensagem só se concretiza no outro, quando entra em contato com as informações deste outro ser, deste outro ser que se desenvolveu em outro meio cultural, outro ambiente, que criou outras relações. A representação da mensagem que chega, cruza e se relaciona com este outro ambiente, proporciona outra mensagem. Por isso, a mensagem que chega é uma realidade abstrata, ambígua e individual. A Linguística, a Filosofia da linguagem e tantas outras ciências são unânimes em dizer: sim, jamais seremos compreendidos no sentido mais fiel e puro da mensagem comunicada:

Para nós mortais, não há acesso imediato ao ser sem a mediação linguística. [...] Ela é mediada pelos estados psíquicos. Não posso dizer que a palavra é



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PELLEGRINI, Caroline; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Palavrão: fale agora ou fique encouraçado para sempre – o *grounding* das palavras mal ditas. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

signo do real, visto que o símbolo não toma o lugar da coisa. A linguagem não manifesta o real, mas o significa (OLIVEIRA, 2001, p. 26).

Mas o que falta para acessar com mais clareza a mensagem a ser proferida? Como melhorar o acesso à nossa linguagem verbal, alcançar a eficiência na comunicação? Será que estudando com afinco a língua portuguesa, sendo fiéis aos seus signos descritos no dicionário? Conectando-nos mais ainda com nosso lado racional, mental e sempre escolhendo cirurgicamente cada palavra e vírgula antes de dizer qualquer coisa? Ou o caminho seria o oposto: acessar o sentir da palavra, sua intenção, seu tônus? Acessar a emoção desta frase que precisa ser dita, com muito mais presença a que o conteúdo semântico pode nos levar? Deleitar e entregar-se aos pontos de exclamação mais que aos rasos, sem gosto e apáticos pontos finais?

Lowen (1997) afirma que qualquer limitação na voz constitui uma limitação da autoexpressão e representa uma diminuição do senso do *self*, do eu.

O teatro, arte que se utiliza da linguagem verbal e corporal para conduzir, provocar emoção no público, levar a realidade além das limitações espaço-temporais, afirma, através de dois de seus ícones: “O erro mais elementar, e que necessita da mais urgente correção, é a supertensão da voz, unicamente porque as pessoas se esquecem de falar com o corpo.” (GROTOWSKI, 1971, p. 41). STANISLAVSKI (1983, n.p.) complementa: “A maestria do bem falar implica no entendimento de que uma palavra não é apenas um som, é uma evocação de imagens, de significados.”

A comunicação só é eficiente quando ela nos toca. E, para tocar, precisa por ela passar emoção, seja qual for. A apatia comunica, a raiva comunica, o tédio comunica. A intenção da fala comunica e acessa diretamente pele, órgãos, vísceras. Provoca calor, repulsa, leva-nos à tristeza e à alegria, muito mais que o sentido literal denotativo da frase proferida:

Tanto a pele quanto o sistema nervoso originam-se da mais externa das três camadas de células embriônicas, a ectoderme. [...] O sistema nervoso é uma parte escondida da pele ou, o contrário, a pele pode ser considerada como a porção exposta do sistema nervoso (MONTANGU, 1988, p. 22-23).

Mas como a mensagem chega ao cérebro? O cérebro pode ser dividido em três partes específicas e funções, descreve Navarro (1996): o cérebro reptiliano está ligado às funções vitais instintivas, como a territorialidade, a caça, o acasalamento, a hierarquia, os automatismos e estereótipos. Já o cérebro límbico está conectado ao sentir, ao experimentar, ao cuidar da prole, à sobrevivência, à autoconservação, à atividade sexual ligada ao prazer, ao medo, à luta,



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PELLEGRINI, Caroline; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Palavrão: fale agora ou fique encorajado para sempre – o *grounding* das palavras mal ditas. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

raiva, comunicação, linguagem. É definido como visceral. Por sua vez, o cérebro neocortex é responsável pela visão tridimensional, pela postura ereta, dimensão espaço-temporal, antes / depois, historicidade, relação de causa e efeito, leitura e escrita, arte, lógica, matemática, percepção da consciência através da reflexão, abstração, inventividade, crítica, análise, síntese, decisão. O amadurecimento destes três cérebros é que determina a formação do EU.

Existem expressões verbais que saem com a velocidade da luz diretamente do cérebro límbico (aquele conectado ao sentir), não passando por filtros, permissões ou rodeios. Estas palavras são consideradas até mais sofisticadas por conta desse acesso sem desvios. Peço agora licença para anunciar com trombetas, tapete vermelho e um brinde aos tão mal falados, vitais e viciantes palavrões:

Enquanto a linguagem comum e o pensamento consciente moram na parte mais sofisticada da massa cinzenta, o neocortex, os palavrões moram nos porões da cabeça. Mais exatamente no sistema límbico. É o fundo do cérebro, a parte que controla nossas emoções. [...] Só uma palavra saíra direto do sistema límbico consegue transmitir o que ele está sentindo (BURGOS; VERSIGNASSI, 2008, p. 54).

– “Caralho, seu cuzão! Vai se foder, porra!”. Quem nunca se sentiu aliviado, extasiado e com a energia fluindo melhor depois de pronunciar em alto e bom tom um intenso, volumoso e expansivo palavrão? Que então fale agora, ou fique encorajado para sempre.

Passando pela raiva fulminante ao êxtase da alegria, não adianta: quem é soberano na tentativa de descrever e trazer à tona o que estamos sentindo em momentos tão intensos, é ele, o palavrão. Mesóclises bem construídas, descrevendo a tese de pós-doutorado, jamais chegarão perto da potência, do vigor, da espontaneidade e da agressividade de um palavrão.

Santos e Costa (2013) analisam que a força das palavras de baixo calão está conectada ao sentido negativo que elas emanam. Esta negação está relacionada à proibição dos sentimentos ruins que ela pode despertar, como o medo, o nojo e o pecado.

É curioso refletir que sentimos nojo de substâncias que são originárias do nosso próprio organismo. É o caso dos fluidos corporais. O suor, as fezes, a menstruação, o vômito, ou o sêmen, por exemplo, podem provocar a sensação de mal estar associadas ao nojo. Desta forma, o nojo associado aos fluidos corporais, qualificam muitos deles como palavrões:

O componente mais forte da reação de nojo é o desejo de não comer a substância em questão, nem encostar nela. Mas também é nojento pensar nos fluidos corporais, assim como sobre as partes do corpo e as ações que os excretam, e, devido à involuntariedade da percepção da fala, é desagradável ouvir as palavras que as descrevem (PINKER, 2007, p. 393).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PELLEGRINI, Caroline; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Palavrão: fale agora ou fique encouraçado para sempre – o *grounding* das palavras mal ditas. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

O palavrão acaba acessando, na maioria das vezes, em seu conteúdo semântico, termos e ações relacionadas à excrementos e ao sexo, as duas ações mais básicas da existência animal, descrevem Burgos e Versignassi (2008).

Se compararmos o homo sapiens a quaisquer outros mamíferos, percebe-se que todos estão lado a lado quando o assunto é defecar, urinar, suar, sangrar, copular. E é nestas ações mais animais que os adjetivos são considerados palavrões. Pinker (2007, p. 32) exemplifica: “Essas explosões parecem emergir de uma parte profunda e antiga do cérebro, como o ganido de um cachorro quando alguém pisa em seu rabo, ou seu rosnado quando está tentando intimidar um adversário.” E, como já foi mencionado, emerge mesmo, vem diretamente do cérebro límbico.

Mas por que precisaríamos trazer a agressividade e nosso lado primitivo para nossa expressão?

“Toda manifestação positiva da vida é agressiva: o ato do prazer sexual assim como o ato de ódio destrutivo, o ato sádico assim como o ato de procurar alimento. Agressão é a expressão de vida da musculatura e do sistema de movimento (REICH, 1990, p. 139 *apud* PUCINELI, 2016, p. 76).

Visitar um jogo de futebol em um estádio lotado é um cenário perfeito para observar o uso terapêutico do palavrão. Aqui se tem permissão total para desfrutar dos benefícios de tais expressões. Se o gol foi a favor ou contra o seu time, não interessa. O palavrão estará presente, tanto para xingar quanto para parabenizar o jogador.

Segundo Pinker (*apud* BURGOS; VERSIGNASSI, 2008, p. 54):

Mais do que qualquer outra forma de linguagem, xingar recruta nossas faculdades de expressão ao máximo: o poder de combinação da sintaxe, a força evocativa da metáfora e a carga emocional das nossas atitudes, tanto as pensadas quanto as impensadas.

Ao dizer o palavrão em alto e bom tom, o corpo vibra, desbloqueia e expande a energia estagnada. Entra em contato com a realidade e se enraiza. Ao gritar, mobiliza-se o diafragma, respira-se profundamente, libera-se a ansiedade. Ao xingar, expressa-se a raiva e a agressividade, tão mal vindas socialmente. E as máscaras sociais da moralidade e do sorriso forçado, acumuladas durante a semana, são deixadas de lado. O corpo pulsa, conectando e expandindo a energia, liberando as tensões.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PELLEGRINI, Caroline; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Palavrão: fale agora ou fique encorajado para sempre – o *grounding* das palavras mal ditas. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

E este *grounding* não acontece com um: “Parabéns, que belo gol, excelente.”, mas sim com: “Caralho, que porra de golaço!”. Muito menos um: “Nossa, que absurdo, ele errou o lance, que pena.”, mas sim: “Seu cuzão, seu merda, filho da puta, vaza daí”.

Segundo LOWEN (1997) temos uma padrão cultural muito forte em condenar e oprimir sentimentos como a raiva, o ódio e o medo. Tentamos a todo custo ignorar, esconder, esmagar tais emoções dentro do nosso corpo. Aprendemos que elas não são bem-vindas e muito menos bem vistas. E assim, condenamos tais sentimentos. Porém, ao condená-los, condenamos a vida. Somente expressando livremente nossas emoções, sejam elas quais forem, teremos uma entrega saudável à vida e o caminho para a alegria estará sinceramente aberto.

A raiva, de acordo com Lowen (1997), relaciona-se com tensões na garganta, ombros, costas, peito e pescoço. Ela é o sentimento natural em reação à perda de liberdade, consiste em uma energia que sobe pelas costas e flui até a cabeça e os braços. Insensibilidade e formigamento nas mãos e nas pontas dos dedos são decorrentes de uma contração relacionada à emoção da raiva. Frequentemente, o indivíduo é capaz de invocar sua raiva, mas se sente tomado pelo medo. O intuito de expressar todas essas emoções é para se alcançar o amor pleno:

A repressão do sentimento é um processo de insensibilização que diminui a pulsão interna do corpo, sua vitalidade, seu estado de excitação. Por esse motivo, reprimir um sentimento é reprimir todos os outros. Se reprimimos nosso medo, reprimimos nossa raiva. A repressão da raiva resulta na repressão do amor. [...] Sentir é perceber um movimento interno. Se não há movimento, não há sentimento (LOWEN, 1997, p. 20-21).

Fica claro que para alcançar um estado de sinceridade e tranquilidade em nosso corpo precisamos descarregar as pulsões emocionais que temos. Isso inclui, sim, a descarga da raiva. Hueck (2017) descreve que, segundo estudos de pesquisadores da Holanda, do Reino Unido, dos Estados Unidos e da China, quem fala palavrão provavelmente é um ser humano mais sincero. A partir do momento em que não se filtra o palavrão, também não se estaria filtrando o seu ponto de vista.

Outro benefício do uso do palavrão, é que ao expressá-lo, estaríamos tentando diminuir a dor física. É só lembrar quando se bate o dedão do pé em uma quina ou martela-se o próprio dedo. Entre um grito de dor e outro, o que sai da boca é o obsceno e imoral palavrão. Stephens (2009, n.p.) descreve: “Falar palavrões provoca não só uma resposta emocional, mas também uma resposta física.” Quando estão sofrendo, as pessoas tendem a dizer palavrões.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PELLEGRINI, Caroline; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Palavrão: fale agora ou fique encorajado para sempre – o *grounding* das palavras mal ditas. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Ele entraria como uma maneira de tolerar mais facilmente a dor. E quanto mais forte o palavrão, maior é o alívio.

Utilizar o impudico também é um código de confiança: Ao expressar um palavrão na frente de alguém, significa que me sinto a vontade, íntimo desta pessoa, a ponto de utilizar as tais palavras proibidas. O corpo está dizendo: “Olha só, confio e me sinto a vontade com você. Você também pode fazer o mesmo.” É uma permissão para que o outro se solte. Para criar empatia, quebrar o gelo de uma conversa, o palavrão também é um ótimo convidado para entrar em cena.

Mas é bom ressaltar a dosagem do uso do palavrão. Dito excessivamente e em lugares não adequados, pode trazer um tom muito informal ao contexto, deixar a linguagem rasa e inapropriada, além de causar constrangimento para quem ouve ou menciona. E o efeito benéfico cai por terra:

O efeito terapêutico dos palavrões pode desaparecer caso o seu uso seja constante. As pessoas que dizem mais palavrões diariamente recebem menos benefícios com a experiência. Parece que é possível tornar-se habituado aos palavrões, de tal modo que o seu efeito emocional desaparece. Esta é uma boa razão para não dizer muitas asneiras todos os dias – guarde-as para quando precisar delas!” (STEPHENS, 2009, s.p.).

Enfim, o palavrão, se usado com parcimônia, pode trazer vários benefícios para a saúde. Não é por acaso que ele é usado por todas as culturas, etnias e sobrevive desde os mais remotos tempos:

- ✓ Ele aciona o nosso ser mais primitivo, mais visceral, que nos conecta com a nossa agressividade, esta que é uma reação positiva em favor da vida. Resgatar a intensidade emocional do corpo e seus pontos de exclamação é resgatar uma saúde vibrante, e, para isso, é preciso expressar a raiva: Expressando a raiva relaxamos mandíbula, pescoço, peito e nos abrimos para a possibilidade do amor;
- ✓ Quem fala palavrão também consegue aliviar mais rapidamente a dor física, estabelece um código de confiança que conduz a uma sensação de intimidade e espontaneidade com o ouvinte;
- ✓ Ao gritar um palavrão acionamos o diafragma e ampliamos o nosso ciclo respiratório, flexibilizando e acalmando a couraça muscular da ansiedade. Isso faz o corpo vibrar,



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PELLEGRINI, Caroline; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Palavrão: fale agora ou fique encorajado para sempre – o *grounding* das palavras mal ditas. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

faz a energia circular com mais intensidade. Enraizamos nossos pés e nos conectamos com o agora;

- ✓ Ao expressá-lo, jogamos longe as máscaras sociais do sorriso forçado e da polidez sem sal para assumir o nosso EU que repulsa, que nega, que reclama, que xinga. Ao assumir a nossa necessidade de nos posicionarmos por meio do NÃO, estamos abertos para o SIM com sinceridade, autenticidade e o sorriso verdadeiro.

Somente aceitando, acolhendo e expressando nossas emoções e suas intensas nuances é que será possível acessar com consciência um autodomínio saudável, verdadeiro e espontâneo.

## REFERÊNCIAS

BURGOS, P.; VERSIGNASSI, A. A ciência do palavrão. **Super Interessante**, ed. 249. São Paulo: Abril, 2008. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/quem-fala-palavrao-e-mais-honesto>>. Acesso em: 12/09/2018.

HUECK, K. Quem fala palavrão é mais honesto: será que precisava de uma merda de um estudo pra descobrir isso? **Super Interessante**, São Paulo: Abril, 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-do-palavrao>>. Acesso em: 17/02/2019.

GROTOWSKI, J. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

LOWEN, A. **Alegria**. A entrega ao corpo e à vida. São Paulo: Summus, 1997.

MONTANGU, A. **Tocar**: o significado humano da pele. São Paulo: Summus, 1988.

NAVARRO, F. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1996.

OLIVEIRA, M. A. de. **Reviravolta linguístico-pragmática na Filosofia contemporânea**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

PINKER, S. **Do que é feito o pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PUCINELI, F. A. **As palavras fora de cena**: um ensaio sobre os palavrões. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 21º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016.

SANTOS, D. C.; COSTA, LOPES. K. R. Palavrão: um olhar sobre a possível não arbitrariedade deste signo linguístico. **WebRevista Sociodialeto**, v. 3, n. 9, Campo Grande: Universidade



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PELLEGRINI, Caroline; VOLPI, Sandra Mara Dall'igna. Palavrão: fale agora ou fique encouraçado para sempre – o *grounding* das palavras mal ditas. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Estadual de Mato Grosso do Sul, mar. 2013. Disponível em: <http://www.sociodiaeto.com.br/edicoes/14/01042013045626.pdf>>. Acesso em 24/02/2019.

STANISLAVSKI, C. S. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

STEPHENS, R. **Palavrão**: de onde vieram as asneiras. 2009. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/palavrao-a-palavrao-de-onde-vieram-as-asneiras/3686>>. Acesso em: 18/02/2019.

## AUTORA

### **Caroline Pellegrini / Curitiba / PR / Brasil**

Bacharel e licenciada em Dança (FAP-PR), especialista em Cultura, Comunicação e Arte (PUC-PR). Professora de dança, coreógrafa, artista cênica, fotógrafa, especialista em Psicologia Corporal, com habilitação em Terapia Corporal, pelo Centro Reichiano, Curitiba/PR.

**E-mail:** [pellegrinicc@gmail.com](mailto:pellegrinicc@gmail.com)

## ORIENTADORA

### **Sandra Mara Volpi / Curitiba / PR / Brasil**

Psicóloga (CRP-08/5348) formada pela PUC-PR. Analista Bioenergética (CBT) e Supervisora em Análise Bioenergética (IABSP), Especialista em Psicoterapia Infantil (UTP) e Psicopedagoga (CEP-Curitiba), Mestre em Tecnologia (UTFPR), Diretora do Centro Reichiano, em Curitiba/PR.

**E-mail:** [sandra@centroreichiano.com.br](mailto:sandra@centroreichiano.com.br)

Este artigo veio acompanhado da DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA DA NÃO VIOLAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS DE TERCEIROS, de posse do Centro Reichiano.